

**UNILEÃO**  
**CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**IVYNE CRYSTINA MATOS**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:** Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização

Juazeiro do Norte - CE  
2024

IVYNE CRYSTINA MATOS

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:** Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, como requisito necessário à qualificação do pré-projeto de pesquisa.

Orientadora: Profa. Ma. Erine Dantas Bezerra.

Juazeiro do Norte - CE  
2024

IVYNE CRYSTINA MATOS

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA:** Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização

Trabalho de Conclusão de Curso, monografia, apresentado à coordenação do curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio– UNILEÃO, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Erine Dantas Bezerra  
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO

---

Profa. Dra. Ana Maria Machado Borges  
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO

---

Profa. Dra. Gleice Adriana Araújo Gonçalves  
Universidade Regional do Cariri - URCA

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos,  
sem vocês eu não teria chegado até aqui,  
sempre lembrarei de tudo que fizeram por mim  
e serei imensamente grata.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força e coragem para ter chegado até aqui, sempre me conduzindo para o caminho certo, sem ele nada disso seria possível.

Agradeço aos meus pais Maria do Socorro de Matos e Marcos Antônio de Matos por estarem sempre presente e nunca negarem apoio para que eu pudesse concluir o meu trabalho.

Agradeço a minha irmã Maria Luisa Matos por estar sempre ao meu lado, me incentivando e apoiando em tudo, as minhas amigas que acompanharam todo o processo e o tornaram mais leve, especialmente Alice Santos de Araujo e Thais Eduarda Machado que foram as minhas parceiras de TCC. A minha orientadora Erine Dantas Bezerra, os meus mais sinceros agradecimentos, por ter sido tão compreensiva e tão dedicada ao meu trabalho, sempre colaborando e me ajudando no desenvolvimento de ideias. Enfim agradeço a todos que fizeram parte da construção desta etapa na minha vida.

## RESUMO

**Introdução:** A adolescência é um período marcado por mudanças físicas, psicológicas e, frequentemente, pelo início da vida sexual, que pode resultar em gravidez não planejada, sendo considerado um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A gravidez na adolescência acarreta uma série de impactos negativos, incluindo a interrupção da escolarização, o que pode levar à evasão escolar e à interrupção prematura da educação formal.

**Objetivo:** Analisar as principais dificuldades no processo de escolarização e maternidade de estudantes que engravidaram na adolescência. **Metodologia:** Pesquisa exploratória de caráter qualitativo realizado com 15 estudantes que engravidaram na adolescência do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA). Foi realizada uma entrevista semiestruturada, utilizando-se um roteiro de entrevista com perguntas abertas e fechadas, abrangendo aspectos sociodemográficos, experiências relacionadas à maternidade e à escolarização. As falas foram analisadas segundo análise de conteúdo temática de Minayo. A pesquisa respeitou os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. **Resultados:** Foram identificados fatores como complicações médicas, violência e falta de suporte social que contribuíram para o abandono escolar. A ausência de orientação preventiva e redes de apoio aumenta a vulnerabilidade dessas jovens, dificultando a conciliação entre escolarização e maternidade. Os resultados destacam a importância de políticas públicas de suporte educativo e emocional para a inclusão dessas mães estudantes. A pesquisa evidenciou que a rede de apoio familiar e social é essencial para a continuidade dos estudos, e algumas mães utilizaram alternativas como o ensino remoto para superar a falta de suporte. **Conclusão:** A colaboração entre escolas, serviços de saúde e assistência social pode fortalecer a rede de apoio, reduzir o estigma da maternidade precoce e promover a educação e a escolarização de mães adolescentes. Embora a pesquisa tenha limitações, ela oferece dados qualitativos valiosos e sugere que estudos futuros ampliem a amostra, explorem diferentes contextos e investiguem o papel de programas de assistência social e saúde.

**Palavras-chave:** Gravidez na adolescência; Escolaridade; Poder familiar; Mudança social.

## ABSTRACT

**Introduction:** Adolescence is a period marked by physical and psychological changes, and often by the onset of sexual activity, which can result in unplanned pregnancy, and is considered a public health problem by the World Health Organization (WHO). Teenage pregnancy has a series of negative impacts, including the interruption of schooling, which can lead to school dropout and premature interruption of formal education. **Objective:** To analyze the main difficulties in the schooling and motherhood process of students who became pregnant during adolescence. **Methodology:** Exploratory qualitative research conducted with 15 students who became pregnant during adolescence from the Youth and Adult Education Center (CEJA). A semi-structured interview was conducted, using an interview script with open and closed questions, covering sociodemographic aspects, experiences related to motherhood and schooling. The statements were analyzed according to Minayo's thematic content analysis. The research complied with the ethical principles established by Resolution No. 466/2012 of the National Health Council. **Results:** Factors such as medical complications, violence, and lack of social support that contributed to school dropout were identified. The lack of preventive guidance and support networks increases the vulnerability of these young women, making it difficult to reconcile schooling and motherhood. The results highlight the importance of public policies providing educational and emotional support for the inclusion of these student mothers. The research showed that a family and social support network is essential for continuing their studies, and some mothers used alternatives such as remote learning to overcome the lack of support. **Conclusion:** Collaboration between schools, health services, and social assistance can strengthen the support network, reduce the stigma of early motherhood, and promote the education and schooling of adolescent mothers. Although the research has limitations, it provides valuable qualitative data and suggests that future studies should expand the sample, explore different contexts, and investigate the role of social assistance and health programs.

**Keywords:** Teenage pregnancy; Education; Parenting, Social change.

## LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

- **OMS:** Organização Mundial de Saúde;
- **FIOCRUZ:** Fundação Oswaldo Cruz;
- **ECA:** Estatuto da Criança e do Adolescente;
- **SUS:** Sistema Único de Saúde;
- **PRoSAd:** Programa de Saúde do Adolescente;
- **CEJA:** Centro Educacional para Jovens e Adultos;
- **EJA:** Educação para Jovens e Adultos;
- **TCLE:** Termo de consentimento livre esclarecido.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	11
2.1 OBJETIVO GERAL.....	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	11
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
3.1 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: FATORES DE RISCO E IMPACTOS ESCOLARES .....	12
3.2 SAÚDE MENTAL DAS ADOLESCENTES GRÁVIDAS.....	14
3.3 POLÍTICAS E AÇÕES DE APOIO PARA ADOLESCENTES GRÁVIDAS .....	15
3.4 INTERVENÇÕES EDUCACIONAIS E DE SAÚDE PARA PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA .....	17
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	20
4.1 NATUREZA E TIPO DO ESTUDO .....	20
4.2 LOCAL E PERÍODO DO ESTUDO .....	20
4.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	21
4.6 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS .....	22
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	24
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO .....	24
5.2 CATEGORIAS TEMÁTICAS .....	27
5.2.1 Categoria I: Desafios enfrentados na escolarização, gravidez e maternidade .....	27
5.2.2 CATEGORIA II: Rede de apoio no processo de escolarização.....	35
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40
<b>APÊNDICE A - OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA</b> .....	46
.....	47
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	47
<b>APÊNDICE C -TERMO DE ASSENTIMENTO</b> .....	49
<b>APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ</b> .....	51
<b>APÊNDICE E - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</b> .....	52

## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de transição marcada por rápidas mudanças físicas, psicológicas, e que muitos jovens iniciam sua vida sexual, podendo resultar em gravidezes não planejadas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde - OMS, a gravidez na adolescência ocorre entre os 10 e 19 anos, sendo um problema de saúde pública devido às suas repercussões físicas, sociais e psicológicas. Entre esses impactos negativos, destaca-se a interrupção da escolaridade, uma vez que a maternidade requer conciliação entre os cuidados com o bebê, consigo mesma e com os estudos (Semedo, 2022).

De acordo com Leitão e Benevides (2016), a gravidez pode ser interpretada como um acontecimento fisiológico e natural, um momento único na vida da mulher e seus familiares, no qual estão presentes diversas alterações físicas, socioeconômicas e psicológicas. Porém, quando a gestação ocorre na adolescência, essas alterações podem ter impactos negativos na vida dessa jovem no período gravídico-puerperal.

A gravidez na adolescência acarreta uma série de impactos negativos que podem afetar significativamente a vida escolar desses jovens. Além das implicações físicas e emocionais associadas à gestação precoce, como maior risco de complicações durante o parto e maior vulnerabilidade a problemas de saúde mental, as adolescentes grávidas enfrentam desafios específicos relacionados à sua escolaridade (Souza; Fernandes, 2023).

Novaes e Jardim (2017), corroboram quando afirmam que a necessidade de conciliar os cuidados com o bebê, as demandas familiares e os estudos, podem levar à evasão escolar e à interrupção prematura da educação formal. A falta de apoio adequado e de políticas de inclusão educacional pode agravar ainda mais essa situação, contribuindo para o aumento dos índices de baixa escolarização entre as jovens mães adolescentes. Dessa forma, compreender os impactos negativos da gravidez na adolescência na vida escolar desses adolescentes é fundamental para o desenvolvimento de estratégias eficazes de intervenção e suporte, visando garantir o acesso à educação e promover o desenvolvimento integral desses jovens e de suas famílias.

Embora os índices de gravidez na adolescência tenham diminuído no Brasil, o país ainda se encontra entre as maiores taxas do mundo nos últimos anos, cerca de 400 mil casos por ano. A maior concentração está nas regiões Norte (21,3%) e Nordeste (16,9%), logo em seguida Centro-Oeste (13,5%), Sudeste (11%) e Sul (10,5%) (UNFPA, 2021).

Nesta perspectiva, justifica-se este estudo pela relevância e urgência em compreender os desafios enfrentados por mães estudantes no contexto escolar, especialmente diante da persistência das altas taxas de gravidez na adolescência no Brasil.

Diante disto, elege-se a seguinte indagação: Como as estudantes lidam com dificuldades enfrentadas durante o processo de escolarização e maternidade?

A gravidez nessa faixa etária representa não apenas um desafio individual, mas também um problema de saúde pública, com impactos significativos na vida das jovens mães e de seus filhos. Desta forma, investigar as dificuldades enfrentadas por essas estudantes no processo de escolarização é fundamental para subsidiar a implementação de políticas públicas e estratégias de intervenção que promovam a permanência e o sucesso escolar dessas jovens, contribuindo para a redução das desigualdades educacionais e sociais e para o desenvolvimento humano e social do país.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 OBJETIVO GERAL**

- Analisar as principais dificuldades no processo de escolarização e maternidade de estudantes que engravidaram na adolescência.

### **2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Traçar o perfil sociodemográfico das estudantes;
- Descrever as principais dificuldades encontradas durante a maternidade e o processo de escolarização das estudantes;
- Verificar a relação entre o retorno a escolarização e a existência de uma rede de apoio à estudante.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: FATORES DE RISCO E IMPACTOS ESCOLARES

A gravidez na adolescência é um tema amplamente debatido no Brasil, sendo considerada uma preocupação relevante devido aos diversos problemas associados. Entre os fatores de risco estão as infecções sexualmente transmissíveis, as mudanças fisiológicas e psicológicas enfrentadas pelas adolescentes e as implicações para o desenvolvimento social. Essa questão configura-se como um problema de saúde pública, sobretudo pela carência de orientação adequada sobre educação sexual no ambiente familiar, incluindo informações sobre métodos contraceptivos e os riscos relacionados à iniciação sexual precoce (Silva *et al.*, 2020).

A gravidez na adolescência traz consigo uma série de complicações que afetam tanto a mãe quanto o feto e o recém-nascido, além de agravar questões socioeconômicas já existentes. O prognóstico dessa gravidez é influenciado por uma gama de fatores, que vão desde aspectos biológicos até questões sociais, psicológicas, culturais e econômicas (Guimarães *et al.*, 2017).

Ramos *et al.* (2020) expressa que as complicações e a gravidade da gestação estão diretamente ligadas à idade da adolescente, sendo os riscos maiores para aquelas mais jovens, especialmente aquelas com menos de 16 anos, e ainda mais para aquelas com menos de 14 anos ou com menos de dois anos desde a primeira menstruação. Outros fatores que influenciam são o histórico de gestações anteriores, o início e a continuidade do pré-natal, o ganho de peso durante a gestação e aspectos nutricionais.

Fatores psicossociais, como o apoio familiar e do parceiro, e fatores ambientais, como o acesso aos serviços básicos de saúde, desempenham um papel crucial nos desfechos da gestação, incluindo o peso do bebê ao nascer, a prematuridade e outras condições neonatais, assim como as complicações obstétricas durante e após o parto. Destaca-se que a gravidez precoce pode acarretar consequências significativas na vida das adolescentes, uma vez que muitas delas não estão preparadas física, emocional e financeiramente para enfrentar essa situação, o que as torna mais propensas a enfrentar a pobreza, que pode ser perpetuada por várias gerações (Avelino; Araújo; Alves, 2021).

Conforme destacado por Costa, Leal e Rodrigues (2022), os fatores de risco para a ocorrência da gravidez na adolescência estão relacionados ao início precoce da atividade sexual, com ou sem associação ao uso de drogas, à falta de apoio familiar e à falta de educação sexual adequada. Além disso, há uma associação entre gravidez na adolescência e baixo nível de escolaridade das gestantes. É importante ressaltar que essas questões podem resultar em uma

interrupção ou fragilidade nos cuidados pré-natais e pós-natais, impactando diretamente a saúde da mãe e da criança.

Avelino, Araújo e Alves (2021) afirmam os principais fatores que contribuem para a ocorrência da gravidez na adolescência, sendo eles: baixo nível socioeconômico e educacional, estrutura familiar e falta de informações. Essa situação pode acarretar consequências significativas nos aspectos psicológicos, sociais e físicos, tanto para a mãe quanto para o bebê. Tornando-se crucial que os profissionais de saúde considerem a peculiaridade de uma gravidez na adolescência durante o acompanhamento pré-natal, parto e puerpério, adaptando o atendimento às necessidades individuais de cada gestante.

A gravidez de adolescentes que estão em idade escolar é frequentemente percebida de maneira discriminatória no ambiente escolar e social. Muitas vezes, ela é atribuída pela falta de informação e prevenção, além do suposto desinteresse por parte das famílias que não estimulam ações preventivas por parte do poder público (Araújo, 2017). Silveira *et al.* (2016) expressam em seu estudo que nos ambientes escolares e na maioria das instituições, são adotadas metodologias diversas com o intuito de manter um controle disciplinar rigoroso nos espaços educacionais. No entanto, muitas vezes essas abordagens não são suficientes para evitar comportamentos que vão contra as normas estabelecidas. A gravidez na adolescência é frequentemente vista como algo anormal na escola, fora do contexto educacional, o que pode tornar a inserção e permanência das jovens gestantes um desafio, devido à falta de aceitação por parte da comunidade escolar.

De acordo com Rodrigues, Silva e Gomes (2019), a gravidez na adolescência é considerada uma das principais causas de evasão escolar. Tornando-se crucial tomar medidas em relação à orientação das adolescentes e da equipe gestora escolar de maneira eficaz para enfrentar esse problema. Reduzir os índices de gravidez na adolescência é uma condição fundamental para combater a evasão escolar, pois essa situação traz consigo uma série de consequências, como dificuldades para encontrar emprego, impactos na vida profissional, falta de perspectivas para o futuro, interrupção dos sonhos e planos próprios da idade e, em alguns casos, problemas de saúde mental, como a depressão, sentimentos de frustração, baixa autoestima, insatisfação e ausência de perspectiva de vida.

A gravidez na adolescência é considerada um problema social significativo, principalmente porque representa um obstáculo para que essas jovens consolidem sua formação e garantam condições de autonomia responsável em relação às decisões relacionadas ao próprio corpo e à sua integração social (Paiva, 2020).

Em vista disso, Melo (2017) enfatiza a importância das evidências científicas como base para o desenvolvimento ou aprimoramento de políticas públicas que abordem a educação sexual e reprodutiva de adolescentes. Nesse sentido, torna-se crucial a realização de campanhas de prevenção da gravidez não planejada, baseadas em diálogos adequados para o público-alvo no Brasil, especialmente direcionadas às adolescentes em situação de maior vulnerabilidade.

### 3.2 SAÚDE MENTAL DAS ADOLESCENTES GRÁVIDAS

A descoberta de uma gravidez durante a adolescência pode desencadear uma série de reações psicológicas, refletindo um possível transtorno psicológico. Neste contexto, a literatura corrobora, quando afirma a existência de um aumento considerável nos níveis de ansiedade e estresse entre adolescentes grávidas. Além disso, a falta de planejamento da gravidez frequentemente resulta em sentimentos de tristeza e decepção. É destacado ainda, a associação entre a gravidez na adolescência e a interrupção do desenvolvimento de relacionamentos sociais, contribuindo para sentimentos de isolamento e solidão (Dalia *et al.*, 2022).

A adolescência é um período de intensas transformações físicas e psicológicas, caracterizado pela reestruturação corporal e pela busca por uma nova identidade. Dalia *et al.* (2022) enfatiza ainda que quando uma adolescente se encontra grávida, ela se depara não apenas com as mudanças típicas da adolescência, mas também com as alterações decorrentes da gestação, o que pode levar a uma redefinição de sua imagem corporal.

As rápidas transformações corporais durante a gravidez podem desencadear uma avaliação negativa do próprio corpo, contribuindo para a insatisfação corporal. Este sentimento pode estar associado a práticas alimentares restritivas e inadequadas, bem como a complicações como depressão pré e pós-natal e redução do período de lactação. Esses aspectos têm potencial para impactar significativamente a saúde da mulher e do feto (Carmona, 2019).

O início precoce das relações sexuais, juntamente com a falta ou distorção das informações sobre saúde sexual e planejamento familiar, emerge como uma das principais causas da gravidez na adolescência. Esses fatores são contribuintes para que os adolescentes não adotem medidas contraceptivas adequadas, sendo influenciados também por pensamentos fantasiosos, baixa autoestima e o desejo de se afirmarem como mulheres e mães dentro de seu meio social (Carvalho; Carvalho, 2021).

Dalai *et al.* (2022) enfatiza ainda em seu estudo que é crucial reconhecer que a gravidez na adolescência representa um período de vulnerabilidade para instabilidade emocional, podendo gerar impasses psicológicos, familiares, sociais e biológicos. Essa compreensão

amplia a necessidade de intervenções que abordem não apenas as necessidades físicas, mas também as emocionais e sociais das adolescentes grávidas, visando promover um desenvolvimento saudável tanto para elas quanto para seus bebês.

Carvalho e Carvalho (2021) enfatizam que é imperativo que profissionais de saúde, familiares e amigos se envolvam ativamente no processo gestacional e puerperal, oferecendo apoio emocional e psicológico. Essa rede de suporte pode desempenhar um papel fundamental na mitigação do agravamento de transtornos mentais durante esse período delicado, contribuindo para o bem-estar tanto das adolescentes grávidas quanto de seus bebês.

Em suma, a gravidez na adolescência representa um desafio significativo do ponto de vista psicológico, exacerbando os conflitos próprios dessa fase de vida. De acordo com Ramos *et al.* (2020), o reconhecimento e a abordagem adequada dessas questões são fundamentais para garantir o bem-estar das adolescentes grávidas e prevenir consequências adversas para sua saúde mental a longo prazo.

### 3.3 POLÍTICAS E AÇÕES DE APOIO PARA ADOLESCENTES GRÁVIDAS

O impacto social da gravidez na adolescência é amplo, afetando não apenas a vida dos pais e mães, mas também toda a sua rede de apoio. Se manifestando através da evasão escolar, pressões financeiras na família, conflitos dentro do ambiente familiar, estigmatização, discriminação social e dificuldades no acesso a serviços públicos para um cuidado pré-natal adequado (Guimarães *et al.*, 2017).

No Brasil, políticas públicas e ações intersetoriais têm sido implementadas para prevenir a gravidez na adolescência, buscando integrar saúde, educação e assistência social. O Sistema Único de Saúde (SUS) oferece serviços de planejamento familiar e saúde reprodutiva, disponibilizando métodos contraceptivos, como preservativos e anticoncepcionais hormonais, promovendo a assistência pré-natal às gestantes adolescentes, assegurada pelo Programa Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM). A Caderneta de Saúde do Adolescente, elaborada pelo Ministério da Saúde, funciona como ferramenta educativa, abordando temas relacionados à sexualidade, direitos reprodutivos e métodos contraceptivos, promovendo a conscientização dos jovens sobre a importância da saúde sexual e reprodutiva (Ministério da Saúde, 2020).

A Lei nº 13.798/2019 instituiu a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, realizada anualmente com o objetivo de promover ações educativas e preventivas, difundindo informações que contribuam para reduzir a incidência de gravidez

precoce. O Plano Nacional de Prevenção Primária do Risco Sexual Precoce e Gravidez na Adolescência reforça a necessidade de capacitar famílias, escolas e comunidades na abordagem da sexualidade juvenil, prevenindo a erotização precoce. Pode-se inferir, que iniciativas como os serviços de convivência e fortalecimento de vínculos promovem espaços de diálogo e apoio aos adolescentes, fortalecendo os vínculos familiares e comunitários. Essas ações, articuladas com as políticas de saúde e educação, são fundamentais para a construção de estratégias eficazes no enfrentamento da gravidez na adolescência (Brasil, 2019; Ministério da Saúde, 2020).

De acordo com Silva *et al.* (2021), ao lidar com questões complexas como a gravidez na adolescência, é essencial que as políticas públicas sejam sensíveis às necessidades individuais dos jovens. Desenvolvendo estratégias capazes de incluir os adolescentes no processo de elaboração de políticas visando garantir que elas sejam mais eficazes e adequadas à realidade desses adolescentes.

Guimarães *et al.* (2017) ressalta ainda a importância fundamental de buscar a participação ativa dos jovens na concepção, formulação, implementação e avaliação das políticas, adotando uma abordagem integral e interdisciplinar. Isso implica em ouvir as vozes das juventudes e engajar suas diversas identidades no processo, garantindo que suas perspectivas e necessidades sejam devidamente consideradas.

A prevenção da gravidez na adolescência deve envolver a implementação de ações e intervenções que atuem no âmbito familiar do adolescente e jovem, levando em consideração também as particularidades dos seus contextos de vida e as oportunidades oferecidas pelos serviços, ações e programas existentes. Nesse sentido, é essencial que as várias políticas públicas atuem na promoção de ações de prevenção, especialmente ao considerar os diversos contextos em que a gravidez na adolescência pode ocorrer. Devido à importância dessa fase da vida, a escola assume um papel estratégico na promoção de ações de informação e prevenção, uma vez que é onde os adolescentes passam grande parte do seu tempo (Alves, 2018).

Nesse contexto, foi criado o Programa de Saúde do Adolescente (PRoSAd), com o objetivo de oferecer uma abordagem integral à saúde dos jovens. No entanto, suas diretrizes mostraram-se insuficientes, fragmentadas e pontuais. Alguns autores mencionam que os objetivos são limitados, com ações desarticuladas, ausência de participação juvenil e falta de prioridade e legitimidade política (Araújo, 2017).

Peres (2022) expressa que a Lei nº 13.798, sancionada em 03 de janeiro de 2019, inclui no Estatuto da Criança e do Adolescente o art. 8º A, estabelecendo a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. O objetivo dessa semana é disseminar informações

sobre medidas preventivas e educativas que contribuam para a redução da incidência da gravidez na adolescência, por meio de atividades direcionadas principalmente ao público adolescente. Essas atividades são realizadas anualmente, na semana que inclui o dia 1º de fevereiro.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura às crianças e aos adolescentes uma série de direitos fundamentais, incluindo o direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à convivência familiar e comunitária, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, à profissionalização e à proteção no trabalho. Além disso, o ECA adota os princípios da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, que enfatiza a autonomia, o protagonismo e a participação dos adolescentes (Bock, 2023).

Diante disso, torna-se evidente a necessidade de uma articulação em rede e uma visão abrangente das diferentes realidades e especificidades das adolescências. Destaca-se a importância de criar ambientes e oportunidades que reconheçam e valorizem a diversidade entre crianças e adolescentes, sem discriminação com base em sexo, raça/etnia, orientação sexual, identidade de gênero, deficiência, crença religiosa, território de residência, nacionalidade, afiliação política, classe social e idade. Isso inclui especialmente aqueles que vivem em situação de rua, cumprem medidas socioeducativas, são imigrantes, indígenas, institucionalizados ou judicializados (Melo, 2017).

### 3.4 INTERVENÇÕES EDUCACIONAIS E DE SAÚDE PARA PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A atenção à sexualidade na adolescência deve ser abordada de forma multiprofissional, envolvendo profissionais de diversas áreas para fornecer uma abordagem interdisciplinar. Visando o desenvolvimento e promoção de atitudes e habilidades nos adolescentes para lidar de forma saudável com sua sexualidade. Os capacitando para aumentar seu poder de decisão, resistir a pressões externas, desenvolver habilidades de negociação, praticar o autocuidado e acessar atividades educativas e recreativas (Rodriguez, 2017).

Neste sentido, torna-se essencial estimular o protagonismo dos adolescentes, capacitando-os a serem agentes ativos em suas próprias vidas e em questões relacionadas à sua saúde sexual e reprodutiva. De acordo com Rodriguez (2017), no contexto brasileiro, apesar do aumento da cobertura do Programa de Saúde da Família, especialmente em áreas menos desenvolvidas, há uma notável falta de políticas públicas direcionadas à saúde sexual e

reprodutiva dos adolescentes. Essa lacuna se manifesta tanto em programas educativos quanto preventivos, com pouca ênfase no estímulo ao uso de preservativos e contraceptivos.

Para enfrentar o desafio da gravidez na adolescência, é crucial que os programas de saúde levem em consideração não apenas o início precoce da vida sexual, mas também as barreiras ao acesso aos serviços de saúde e aos métodos contraceptivos. Isso significa abordar não apenas a questão do comportamento sexual, mas também os determinantes sociais que influenciam a saúde sexual dos adolescentes, como acesso à informação, educação sexual abrangente e acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva de qualidade (Freitas, 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca a importância de as Unidades Básicas de Saúde promoverem um acolhimento humanizado aos adolescentes, visando melhorar o acesso desses jovens aos serviços de saúde e alcançar resultados mais positivos. Exigindo sensibilidade às demandas e necessidades individuais, sociais, étnicas e territoriais dos adolescentes, estabelecendo um vínculo de confiança e respeito e reconhecendo a pessoa jovem em sua integralidade (Rodriguez *et al.*, 2018).

Freitas (2021) corrobora quando afirma que essas ações incluem a promoção do cuidado familiar ampliado, a realização de atividades grupais de educação em saúde, o estabelecimento de parcerias com outros setores da comunidade e a facilitação da participação dos adolescentes em redes intersetoriais que garantam sua proteção e a garantia de seus direitos. Essas medidas são essenciais para promover a saúde e o bem-estar dos adolescentes, fortalecendo sua capacidade de tomar decisões informadas sobre sua saúde e seu futuro.

De acordo com Viegas (2020), uma abordagem eficaz para trabalhar a sexualidade é por meio de grupos operativos, que oferecem uma plataforma onde os profissionais de saúde podem fornecer informações claras sobre sexualidade e saúde reprodutiva. Criando um espaço acessível para abordar uma variedade de temas relacionados à sexualidade. Além disso, esses grupos proporcionam um ambiente propício para a reflexão sobre questões como projeto de vida, relações familiares e sociais, questões de gênero, desenvolvimento da autoestima e maturidade emocional.

É fundamental reconhecer e valorizar os conhecimentos prévios e as habilidades que esses jovens possuem em relação à saúde sexual e reprodutiva. Visando identificar o nível de conhecimento e as atitudes dos mesmos nesse campo, a fim de orientar intervenções que sejam complementares e potencializadoras.

A abordagem da educação sexual em grupos de adolescentes pode produzir resultados positivos significativos. Esses grupos oferecem um ambiente propício para a participação ativa dos jovens, possibilitando a reflexão conjunta sobre a importância de uma vida sexual

responsável e autodeterminada. Através do diálogo e da troca de experiências entre os pares, os adolescentes têm a oportunidade de compreender melhor os conceitos de proteção e tomar decisões informadas sobre sua saúde sexual e reprodutiva. Essa abordagem colaborativa e participativa fortalece a capacidade dos adolescentes de cuidar de si mesmos e de seus parceiros de forma consciente e responsável (Marques *et al.*, 2022).

Nesta perspectiva, o enfermeiro desempenha um papel crucial na promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes dentro da equipe de saúde da família, possuindo uma posição privilegiada para esclarecer preconceitos e mitos relacionados à sexualidade, contribuindo para o aprimoramento do conhecimento das adolescentes sobre o tema, visando assim a prevenção da gravidez na adolescência (Jobim *et al.*, 2023).

Para que o enfermeiro seja eficaz nesse papel, Monteiro (2016) afirma que é crucial que esteja preparado para abordar questões relacionadas à sexualidade humana e à adolescência e seja capaz de desenvolver ações educativas em saúde de forma dinâmica e contínua, visando diminuir os riscos associados à gravidez na adolescência. Isso requer uma abordagem sensível, respeitosa e culturalmente adequada, levando em consideração as necessidades e os contextos individuais dos adolescentes.

Pode-se afirmar segundo Costa (2017), que a equipe de saúde da família como um todo desempenha um papel importante na redução do índice de gravidez na adolescência. Conhecendo bem sua população e estabelecendo uma relação de confiança com os moradores, a equipe pode facilitar a troca de informações e oferecer orientações relevantes para os adolescentes e suas famílias. Essa proximidade e confiança são fundamentais para promover a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes e para prevenir gravidezes não planejadas.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 NATUREZA E TIPO DO ESTUDO

O presente estudo desenvolveu-se através de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa que visa fornecer uma visão geral sobre um determinado fenômeno. Isso é alcançado através da delimitação clara do escopo do estudo, realização de levantamento bibliográfico e análise cuidadosa de documentos e fontes relevantes (Santos *et al.*, 2021).

Lakatos (2019), destaca a importância da pesquisa exploratória como uma etapa inicial fundamental para o desenvolvimento de estudos mais aprofundados, especialmente quando o conhecimento sobre o tema é limitado. Minayo (2017) ressalta a relevância da abordagem qualitativa para explorar e compreender fenômenos complexos em seu contexto, enfatizando a flexibilidade metodológica e a busca por significados subjacentes aos dados.

### 4.2 LOCAL E PERÍODO DO ESTUDO

Este estudo foi desenvolvido no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Professora Maria Angelina Leite Teixeira, localizado na cidade de Barbalha, estado do Ceará. O CEJA constitui uma importante instituição de ensino voltada para a educação daqueles que buscam concluir o ensino fundamental e médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na modalidade semipresencial.

O CEJA atende a uma ampla comunidade, contando com um total de 1.186 alunos matriculados em 2024. Destes, 329 estão cursando o Ensino Fundamental, enquanto 857 estão matriculados no Ensino Médio. O horário de funcionamento da instituição é das 8h às 22h, de forma ininterrupta, proporcionando flexibilidade de acesso à educação para os alunos.

O núcleo gestor do CEJA é composto por diretor, coordenador, equipe administrativa como secretária e assessor financeiro. No que se refere ao corpo docente, o CEJA conta com um total de 34 professores, que se dedicam ao ensino e à orientação dos alunos. Para o suporte administrativo, a instituição dispõe de 5 funcionários, além de 2 auxiliares de serviço geral, 1 cozinheira e 4 vigilantes, contribuindo para o funcionamento eficiente das atividades escolares.

A escolha do local da pesquisa ocorreu devido a pesquisadora morar perto dessa escola e por encontrar as estudantes, gerando uma reflexão e inquietação para pesquisar sobre a maternidade e a escolarização.

Para realização desta pesquisa, foi enviado um ofício (APÊNDICE A) para direção da referida instituição de ensino, solicitando autorização para realização da pesquisa. A pesquisa foi desenvolvida durante o ano de 2024 e a coleta de dados ocorreu após aprovação do comitê de ética.

#### 4.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes que fazem parte do quadro discente do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), do ano de 2024.

Como critérios de inclusão dos sujeitos, tem-se: estudantes com idades entre 15 a 17 anos que aceite participar do estudo assinando o Termo de Assentimento (APÊNDICE B) e que seus pais assinem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE C), estudantes com 18 anos ou mais que assinem o TCLE e que engravidaram na adolescência. Como critérios de exclusão, definiu-se: estudantes que não aceitem participar deste estudo, ou que os pais sejam contrários à sua participação e que não se encontrarem no momento da entrevista.

#### 4.4 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, conduzidas de forma individual para garantir maior privacidade e conforto às participantes. A pesquisadora explicou o objetivo da pesquisa e os pontos éticos, enfatizando a importância da confidencialidade e do anonimato. As entrevistas ocorreram em uma sala reservada cedida pelo diretor da escola, em horários flexíveis para não interferir no andamento das aulas, como durante os intervalos ou ao final do horário da aula.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento das participantes e, posteriormente, transcritas para análise. O instrumento utilizado foi um roteiro de perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE E), permitindo captar tanto o perfil sociodemográfico quanto as experiências e percepções das estudantes sobre a maternidade e a escolarização. As gravações foram mantidas em sigilo absoluto e armazenadas de forma segura, serão destruídas após três anos.

#### 4.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Os dados foram analisados de acordo com a análise de conteúdo temática proposta por Minayo (2004), que consiste em três etapas:

##### I) Pró-análise:

Na pré-análise, selecionou-se os documentos a serem analisados, retomando as hipóteses e os objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-os com base no material coletado, e elaborando indicadores para orientar a interpretação final.

##### II) Exploração do Material:

A exploração do material envolveu principalmente a codificação dos dados. Conforme descrito por Minayo, essa etapa consiste em transformar os dados brutos para alcançar o núcleo de compreensão do texto. Na análise temática tradicional, essa fase começa com o recorte do texto em unidades de registro, que podem ser uma palavra, uma frase, um tema, um personagem ou um acontecimento, conforme estabelecido na pré-análise.

##### III) Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação:

Os resultados brutos são submetidos (tradicionalmente) a operações estatísticas simples (percentagens) ou complexas (análise fatorial), que destacam as informações obtidas. A partir daí o analista propõe inferências e realiza interpretações baseadas em seu quadro teórico, ou sugere outras abordagens em torno de dimensões teóricas identificadas durante a leitura do material.

Quanto às temáticas, entende-se que são uma ferramenta didática útil. Para sua composição, é necessário estabelecer regras claras de inclusão e exclusão nas categorias, compreender que estas não devem ser mutuamente excludentes nem muito amplas, possuir conteúdo homogêneo, contemplar todos os conteúdos possíveis e residuais, e a classificação deve ser objetiva (Minayo, 2004).

#### 4.6 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS

A pesquisa adere aos preceitos éticos e legais estabelecidos pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as normas e diretrizes para pesquisa com seres humanos. Essas normas asseguram-se a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes em todas as etapas da pesquisa, sendo garantido o anonimato das entrevistadas e a confidencialidade dos dados coletados. Os participantes serão informados de seu direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo (Brasil, 2012).

Para regularizar a pesquisa, é necessário que os participantes leiam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e assinem o Termo de Consentimento Pós-Esclarecido, bem como leiam e assinem o termo de assentimento, sendo providenciada uma cópia para os participantes com o mesmo teor e valor. O TCLE é crucial para certificar e garantir os direitos e a confidencialidade dos participantes da pesquisa (Brasil, 2012).

A pesquisa pode acarretar riscos mínimos, como constrangimento, insegurança e receio em participar e responder ao roteiro de entrevista semiestruturado previamente elaborado, com questões sociodemográficas e maternidade e escolarização.

As entrevistas foram realizadas durante o intervalo das aulas ou ao término delas, em um ambiente calmo e tranquilo (uma sala cedida pelo diretor da escola), sem interferências, garantindo privacidade e conforto as entrevistadas. A pesquisadora adotou uma postura acolhedora e esteve disponível para esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir.

As participantes têm o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem sofrer danos. Os benefícios esperados com este estudo são no sentido de geração de conhecimento sobre as dificuldades da maternidade e escolarização, podendo contribuir com soluções para o retorno escolar de mães adolescentes, visto que compreender as dificuldades enfrentadas poderá contribuir para a formulação de políticas públicas e programas de apoio eficazes ao retorno escolar.

A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, onde foi apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO. Após a aprovação do projeto pelo CEP, a coleta de dados foi iniciada.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É apresentado a seguir os resultados da pesquisa sobre as dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização, acompanhados de uma análise crítica dos dados obtidos.

Para construção desta investigação científica foram entrevistados um total de 15 estudantes. Visando preservar a identidade das participantes e garantir o anonimato, elas foram identificadas por nomes de flores ao longo da apresentação e discussão dos resultados. Essa escolha busca, manter a confidencialidade, valorizar e humanizar as narrativas apresentadas, conferindo um caráter simbólico às experiências de cada estudante no processo de maternidade e escolarização.

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

A Tabela 1, abaixo, apresenta o perfil sociodemográfico das participantes e observou-se que a maioria delas possui uma faixa etária de 25 anos ou mais, com ensino médio incompleto, possuem pelo menos um filho e estão solteiras, ou seja, criando e educando-o sem o pai. Esses aspectos evidenciam a vulnerabilidade dessas mães, refletindo diretamente nas barreiras de acesso e permanência escolar, impactando suas oportunidades de desenvolvimento educacional e social.

**Tabela 1 – Perfil sociodemográfico das estudantes**

<b>Variáveis/Categorias</b>	<b>N</b>	<b>(%)</b>
<b>Idade</b>		
10 a 19 anos	07	14,28
20 a 24 anos	02	4,08
25 anos ou mais	06	12,24
<b>Nível de escolaridade</b>		
Fundamental I incompleto	02	4,08
Fundamental I completo	-	-
Fundamental II incompleto	02	4,08
Fundamental II completo	-	-
Ensino médio incompleto	11	22,45
Ensino médio completo	-	-
<b>Estado civil</b>		
Solteira	06	12,24
Casada	06	12,24
União estável	03	6,12

Outro	-	-
<b>Quantos filhos você tem?</b>		
01	10	20,41
02	03	6,12
03	-	
> 04	02	4,08
<b>Constituição familiar</b>		
Esposo e filhos	07	14,28
Esposo, filho e familiares	02	4,08
Só com os filhos	02	4,08
Com filhos e familiares	04	8,16

Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

Segundo Santos e Silva (2020), a falta de suporte paterno e familiar resulta em uma sobrecarga de responsabilidades para a genitora, o que dificulta o retorno ao ambiente escolar e a conclusão dos estudos. Essa questão é especialmente relevante para mães que engravidam na adolescência e que vivem em situação de baixa renda, tendo menos recursos para arcar com os custos de creche ou outras formas de assistência.

Quanto ao nível de escolaridade interrompido, Pereira e Lima (2021) destacam que a gravidez na adolescência é um dos principais fatores para o abandono escolar, visto que muitas jovens, após se tornarem mães, enfrentam barreiras significativas para retornar ao sistema educacional, como a ausência de creches e de suporte institucional. Na amostra composta por 15 estudantes participantes, observa-se que as interrupções nos estudos ocorreram predominantemente entre aquelas com idades entre 10 a 19 anos. Entre os dados apresentados, 07 participantes (14,28%) interromperam os estudos nessa faixa etária, enquanto 02 (4,08%) interromperam entre 20 a 24 anos e 06 (12,24%) aos 25 anos ou mais. Mesmo entre as participantes com 25 anos ou mais, que representam uma parcela significativa, muitas continuam enfrentando desafios para concluir a educação formal, o que compromete suas perspectivas de inserção no mercado de trabalho e de alcançar independência financeira.

Outro ponto importante é o fator idade e as oportunidades de desenvolvimento educacional. Nascimento e Alves (2022) discutem que adolescentes que engravidam tendem a ter menos oportunidades de desenvolvimento educacional e social, e, conforme aumentam de idade, as chances de retornar à escola diminuem significativamente, especialmente para aquelas que assumem a criação de seus filhos sem o suporte de um parceiro. Esse achado está alinhado com o perfil de idade identificado na pesquisa, com um número considerável de participantes

na faixa dos 26 anos ou mais (12,24%), o que indica o impacto contínuo da maternidade na trajetória educacional.

No entanto, é importante observar que alguns estudos, como o de Melo e Andrade (2023), apontam que políticas públicas focadas no apoio a mães adolescentes, como programas de retorno à escola e assistência infantil, podem mitigar alguns desses desafios, promovendo uma reintegração educacional e melhorando as perspectivas dessas jovens. Isso sugere que a presença de suporte institucional e social pode mudar essa realidade, proporcionando um contexto mais favorável para que essas mães completem sua formação educacional.

De acordo com Almeida e Souza (2021), a coabitação com familiares ou parceiros representa um recurso de suporte emocional e material que pode contribuir para a estabilidade na criação dos filhos, oferecendo às mães condições para gerenciar melhor as responsabilidades. O relato de Lírio, Rosa, Orquídea, Girassol, Bromélia, Cravo, Jasmim e Carmélia que compartilham o lar com seus filhos e esposo/companheiro, indica essa importância de uma parceria conjugal estável para criar um ambiente estruturado para a educação dos filhos, aspecto que pode aliviar a carga emocional e facilitar o retorno aos estudos.

Entretanto, as configurações familiares podem apresentar diferentes desafios. No caso de Orquídea, que convive com o atual esposo, mas cujos filhos não são biológicos dele, surgem possíveis dificuldades nas dinâmicas de adaptação e nos papéis familiares. Silva e Ferreira (2020) destacam que a convivência em lares reconstituídos exige ajustes nas responsabilidades e nos vínculos emocionais, afetando a estabilidade e a harmonia do ambiente familiar, gerando obstáculos que refletem na jornada escolar dessas mães.

A estrutura familiar monoparental, como a de Margarida e Dália, que vivem apenas com seus filhos, é igualmente relevante. Castro e Lima (2019) discutem que essa constituição familiar apresentam um padrão de vulnerabilidade e sobrecarga para a mãe, especialmente quando se trata de mães adolescentes. No entanto, como apontam esses autores, há uma oportunidade para um vínculo mais próximo entre mãe e filho, reforçando o comprometimento das mães com a educação e o desenvolvimento das crianças, embora isso geralmente ocorra ao custo de grandes sacrifícios pessoais.

A situação de Magnólia, que vive com vários familiares, exemplifica uma família ampliada, que, conforme Oliveira e Ribeiro (2022), pode fornecer uma rede de suporte mais robusta, no entanto, introduz desafios, como a divisão do espaço físico e a gestão das atividades diárias, afetando o tempo e o ambiente necessário para estudo e descanso. Esses autores ressaltam que, embora a convivência com um grupo familiar extenso possa oferecer benefícios,

o excesso de responsabilidades e a falta de privacidade podem dificultar a trajetória educacional de mães adolescentes.

Violeta e Tulipa, ao mencionarem o apoio da mãe e dos irmãos, reforça a importância das redes familiares ampliadas. Martins e Pereira (2023) analisam que, para mães adolescentes, a proximidade com familiares mais velhos, como mães e avós, representa uma fonte de aprendizado e suporte, promovendo a socialização e o cuidado compartilhado, o que pode facilitar a permanência na escola.

Assim, as respostas das participantes sobre a composição familiar refletem a diversidade das estruturas familiares em que vivem, revelando o impacto significativo desse contexto na vida dessas mães. A presença de familiares, como avós, mães, parceiros e filhos, demonstra o papel crucial do apoio familiar no cotidiano das mesmas. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a maternidade na adolescência e as configurações familiares corroboram que o suporte de redes próximas é um fator de proteção que pode influenciar positivamente o bem-estar e as possibilidades educacionais dessas mulheres.

## 5.2 CATEGORIAS TEMÁTICAS

### 5.2.1 Categoria I: Desafios enfrentados na escolarização, gravidez e maternidade

Nesta categoria as estudantes relataram sobre algumas dificuldades durante a gravidez, sendo elas:

**Lírio:** Sim, tive muitos problemas de saúde...tive até pré eclampsia, não tinha como ir pra aula porque eu passava mal sempre que eu tava na sala de aula, não conseguia ficar. Por isso parei.

**Rosa:** Sim eu era muito nova e na época eu fiquei hipertensa e tive pré-eclâmpsia e uma gravidez de risco, não podia fazer esforço.

**Margarida:** Muitas, mas minha principal dificuldade foi no relacionamento com o pai do meu filho eu acabei tendo depressão, ansiedade, tudo na gravidez, porque desde antes da gravidez eu já apanhava bastante do pai do bebê e ficava complicado pra estudar desse jeito, ter que ir pra sala com olho roxo e explicar.

**Jasmim:** a minha maior dificuldade foi a minha família me ajudar, porque ninguém aceitava que iria ser mãe tão nova.

**Hortênsia:** Sim, muitas dificuldades, já começou antes de engravidar, acho que a gente devia ter mais acesso a prevenção de gravidez, aí veio as consultas, eu tinha que faltar aula e o apoio da família, porque quando a gente engravida nova assim, ninguém ajuda e eu nunca fui junta com o pai do meu filho.

**Azaleia:** Sim, foi uma gravidez sem planejamento.

**Dália:** Sim, eu tive muitos problemas de saúde, mulher. Pressão alta... não dava pra estudar doente.

Os relatos das participantes sobre as dificuldades enfrentadas durante a gravidez evidenciam questões de saúde, relacionamento abusivo, apoio familiar e falta de orientação preventiva, fatores que impactam diretamente suas vidas escolares. Em relação aos problemas de saúde, como pré-eclâmpsia e hipertensão, vivenciados por Lírio, Rosa e Dália. Gomes e Santos (2022) apontam que complicações obstétricas são comuns entre adolescentes grávidas, devido à imaturidade física e ao acompanhamento médico insuficiente, fatores que contribuem para maior incidência de condições de risco. Essa realidade pode interromper a vida escolar e limitar o desenvolvimento acadêmico dessas jovens. Silva *et al.* (2021) reforçam que condições como a pré-eclâmpsia afetam a saúde física e emocional das mães, muitas vezes impossibilitando-as de frequentar a escola regularmente, como relatado por Lírio e Rosa.

As dificuldades nos relacionamentos, como o caso de Margarida, que menciona violência doméstica, são igualmente graves. Segundo Lima e Fonseca (2020), a violência e os conflitos conjugais são fatores de risco que intensificam as condições de vulnerabilidade emocional e social de adolescentes grávidas, contribuindo para sintomas de depressão e ansiedade, agravando o isolamento escolar. Como observado, Margarida enfrentou tanto a violência física quanto emocional, dificultando seu aprendizado e interação social no ambiente escolar.

O relato de Jasmim, que destaca a falta de apoio da família, e de Hortênsia, que menciona a falta de apoio profissional, revela a importância das redes de suporte social e educacional. Souza e Martins (2019) afirmam que o apoio familiar e o acesso a informações sobre prevenção são cruciais para reduzir as taxas de gravidez na adolescência e para ajudar jovens mães a retomarem suas trajetórias escolares. Sem esse apoio, o processo de conciliar maternidade e educação torna-se mais árduo, como apontado nas dificuldades de Jasmim e Hortênsia.

Para situações de gravidez não planejada, como relatado por Azaleia, Rodrigues e Costa (2023) sugerem que as políticas de saúde e educação precisam incorporar estratégias mais abrangentes de prevenção e acolhimento, para que adolescentes grávidas tenham acesso a recursos que minimizem as interrupções em sua formação educacional.

Esses problemas de saúde, relacionamentos abusivos, falta de apoio familiar e ausência de orientação preventiva destacam o ciclo de vulnerabilidade vivido por essas adolescentes, dificultando a continuidade escolar e limitando suas perspectivas futuras. O apoio institucional

e familiar, conforme apontado, são essenciais para proporcionar condições de desenvolvimento acadêmico e emocional às jovens mães.

Quanto as dificuldades em continuar estudando quando descobriu a gravidez, as estudantes relataram que:

**Tulipa:** ... eu parei de estudar...sei lá...ir pra escola com uma barriga daquele tamanho com 16 anos... fiquei pensando... e também já nasceu no final do primeiro ano, aí eu achei a melhor escolha para de ir pra escola.: Por que eu não tinha como ir pra escola nasceu no final do ano, aí eu já ia passar seis meses em casa, não ia acompanhar direito, aí ficava complicado, mulher...era melhor ter parado mesmo, tinha que cuidar aí acho que não dava certo não.

**Orquídea:** Assim, da primeira vez que eu engravidei eu parei porque eu era muito jovem, era praticamente uma criança e aí não ia saber como lidar com a maternidade e estudar, era coisa demais e ainda tinha que ser dona de casa, né? eu tentei voltar estudar e engravidei novamente tive várias gravidezes de risco perdi uma filha, aí fica complicado, só consegui voltar agora depois que eles cresceram.

**Magnolia:** Assim que descobri que tava grávida, saí da escola. Não dava certo não, mulher... só deu certo depois de 20 anos.

**Lírio:** ... demais como eu disse antes eu não conseguia ficar na sala difícil demais, mulher... e muita dor no corpo falta de coragem, como eu disse foi muito problema de saúde.

**Rosa:** ... como eu disse minha gravidez era de risco.

**Orquídea:** Eu tive, da primeira eu ainda fiquei um tempo indo pra escola, aí eu estava enjoando demais passava mais tempo no banheiro vomitando do que na sala de aula, não dava certo.

**Girassol:** ... eu vivia cansada, estressada, muito indisposta sem coragem pra nada e ainda tem o julgamento do povo porque quando a gente casar, né e tem filho a vida da gente tem que ser só pra casa.

**Azaleia:** Os enjoos, era difícil ficar na sala.

**Dália:** Só não quis mais ir para escola, não ia doente.

**Violeta:** Não sei explicar, mas a concentração era pouca.

**Margarida:** ... minha principal dificuldade foi em relação ao casamento e o pai do meu filho não deixava eu estudar.

**Jasmim:** ... não tinha como conciliar tudo, eu não morava com minha mãe, mas agora tá dando certo voltar a estudar.

**Hortênsia:** ... como eu disse, já faltava na gravidez, por causa de consultas, essas coisas e quando ele nasceu teve a licença, quase não acompanhei as aulas.

**Bromélia:** Na verdade, foi assim, eu achava que o estudo não era importante na época e aí eu escolhi ficar com a minha família, me dedicar a casa, ao esposo, os filhos e não ligava pra estudo.

Siqueira e Souza (2021) exploram o impacto das expectativas sociais e familiares sobre as jovens mães, destacando como a gravidez precoce frequentemente leva ao abandono escolar,

tanto pela percepção de inadequação no ambiente escolar (como mencionado por Tulipa) quanto pela necessidade de priorizar os cuidados com o bebê e as tarefas domésticas. Essa visão também corroborada por Martins *et al.* (2020), que apontam a falta de suporte para adolescentes grávidas como um fator determinante para o abandono dos estudos, especialmente quando a saúde física e psicológica é afetada, como no caso de Lírio e Rosa, que enfrentaram complicações durante a gravidez.

A pressão social e familiar para que as jovens mães assumam exclusivamente o papel de cuidadoras, descrita por Girassol e Bromélia, é abordada por Pereira e Carvalho (2019), que expressam que o contexto cultural e as normas sociais influenciam a decisão de abandonar os estudos, frequentemente visto como uma escolha inevitável para atender às demandas familiares. Orquídea e Magnolia mencionam que só conseguiram retomar os estudos após os filhos crescerem, o que ilustra o impacto duradouro da maternidade precoce no desenvolvimento educacional dessas mulheres.

Os relatos de Violeta, Margarida e Jasmim, que enfrentaram dificuldades de concentração, falta de apoio e restrições por parte dos parceiros, são reflexo do isolamento social frequentemente experimentado por adolescentes grávidas. Silva e Santos (2019) apontam que esse isolamento e a falta de redes de apoio podem gerar dificuldades emocionais e cognitivas, diminuindo o engajamento acadêmico e a motivação para a continuidade dos estudos.

As dificuldades em conciliar os estudos com a gravidez e a maternidade precoce destacam desafios comuns vivenciados por adolescentes que enfrentam a dupla jornada entre educação e cuidados maternos. Essas barreiras abrangem desde questões de saúde física e emocional até obstáculos sociais e familiares.

Sobre as dificuldades com a maternidade e/ou cuidados com o filho as estudantes relaram:

**Margarida:** Sim, eu nunca tinha sido mãe e tinha medo de acontecer alguma coisa com meu filho também da mesma forma que aconteceu comigo, mas a avó do bebê me ajudou bastante.

**Jasmim:** Sim, mas mesmo sem a minha mãe gostar, ela não me deixou sozinha. Eu não sabia lidar com a situação.

**Hortênsia:** Sim, eu não sabia de nada, minha sorte foi minha mãe que não me abandonou.

**Azaleia:** Sim, eu não sabia cuidar do bebê, minha mãe e uns amigos me ajudaram.

**Magnolia:** Tive, mas foi pouco, só porque era o primeiro e o primeiro todo mundo tem, né.

**Violeta:** Sim, tive que aprender a cuidar do bebê, praticamente sem ajuda.

Silva e Almeida (2020) ressaltam que a falta de experiência é uma barreira comum entre mães adolescentes, muitas das quais expressam ansiedade e insegurança sobre os cuidados básicos com o recém-nascido. Isso é evidente nas falas de Margarida, Hortênsia e Azaleia, que mencionam o apoio de familiares, especialmente das próprias mães, como fundamental nesse período.

Gonçalves *et al.* (2019) discutem que, para jovens mães que não têm suporte adequado, o desafio de aprender a cuidar do bebê sem ajuda pode levar ao isolamento e à sobrecarga emocional. Violeta, que relatou ter aprendido a cuidar do bebê "praticamente sem ajuda", exemplifica como a ausência de apoio pode agravar o sentimento de responsabilidade exclusiva e o estresse da maternidade.

Adicionalmente, Pereira e Santos (2021) afirmam que o medo e a insegurança em relação à criação dos filhos, especialmente devido à falta de experiência, são comuns em mães adolescentes, o que pode ser intensificado pela percepção de repetir erros passados. Margarida, que mencionou o medo de que algo ocorresse com seu filho, ilustra esse aspecto, assim como o papel de figuras maternas (como a avó do bebê) em aliviar essa ansiedade.

Os relatos demonstram a importância do apoio familiar e social para essas mães, evidenciando que, sem uma rede de apoio, as adolescentes enfrentam maiores dificuldades para lidar com as responsabilidades maternas e conciliar esses cuidados com outras atividades, como os estudos.

Algumas estudantes referiram não ter dificuldade na maternidade, conforme as falas a seguir:

**Tulipa:** Não, porque quem sempre cuidou comigo foi minha mãe, ela sempre teve presente, porque eu sempre morei com ela.

**Lírio:** Não...foi bem tranquilo minha filha nasceu pré-matura, mas tive muita ajuda da minha família, do pai dela e dos meus primos, no final deu tudo certo.

**Rosa:** Não na minha adolescência eu cuidava de criança, era babá. Aí não tive nenhum problema, eu já sabia cuidar de criança né, apesar da minha bebê ser prematura não tem muita diferença e o pai dela me ajudava bastante.

**Orquídea:** Não, porque minha mãe e minha irmã viviam lá na minha casa me ajudando, porque se fosse depender do pai eu tinha criado sozinha.

**Girassol:** não, o pai deles me ajudou. Me ajuda ainda.

**Bromélia:** Mulher, tu acredita que eu não tive nenhuma dificuldade e ninguém me ajudava.

**Cravo:** Não, minha mãe ajudou em tudo e o pai da minha filha cuida dela comigo.

**Dália:** Não tive dificuldades.

**Camélia:** Não, minha mãe e meu marido me ajudam.

De acordo com as participantes, embora a maternidade precoce traga desafios, algumas conseguiram enfrentar o período inicial da maternidade sem dificuldades significativas devido ao apoio de familiares ou pela experiência prévia com crianças. Tulipa, Lírio, Rosa e Orquídea, por exemplo, destacam o papel de suas mães e familiares próximos, ressaltando como a rede de apoio pode aliviar as exigências do cuidado diário com o bebê e facilitar a adaptação ao novo papel de mãe.

Conforme Santos e Oliveira (2020), a presença de familiares, especialmente mães e irmãs, é crucial para mães adolescentes, ajudando a dividir responsabilidades e oferecendo suporte emocional. Essa colaboração permite que as jovens se sintam menos sobrecarregadas e mais seguras, como observado nos relatos de Orquídea e Cravo, que mencionam o envolvimento dos avós e do pai do bebê.

Gomes e Almeida (2019) destacam que a experiência prévia com cuidados infantis, como o trabalho de Rosa como babá, pode contribuir para uma transição mais tranquila para a maternidade, reduzindo as incertezas e aumentando a confiança nas habilidades maternas. Sugerindo que, para essas jovens, a prática anterior desempenha um papel significativo no manejo do cuidado.

Por outro lado, o relato de Bromélia, que menciona não ter recebido ajuda e ainda assim não ter tido dificuldades, sugere que a percepção de facilidade na maternidade pode variar conforme o preparo emocional e as habilidades pessoais de cada mãe. Segundo Ferreira e Castro (2021), para algumas jovens, a adaptação à maternidade pode ser menos desafiadora devido à resiliência pessoal e ao suporte psicológico.

Buscou-se também compreender se as estudantes tiveram dificuldades em retornar à escola e concluir o ensino fundamental e médio após o nascimento do seu filho(a), elas mencionaram que:

**Tulipa:** Eu tive, porque mesmo tendo a ajuda de minha mãe, não tinha como deixar era muito criança ainda, quer dizer muito bebezinho, aí tinha que dar o peito... as vezes chorava sem tá comigo... aí o jeito era ficar em casa cuidando com a minha mãe. Aí agora que ele cresceu, aí eu posso deixar com a minha mãe porque ele assiste, ele brinca, ele estuda.

**Lírio:** Sim, minha maior dificuldade foi de deixar ela sozinha com outras pessoas, porque é difícil, só quem é mãe entende, até mesmo com a família eu não queria deixar minha bebê sozinha.

**Rosa:** Sim, tinha que cuidar, né? Só voltei quando ela começou a estudar também.

**Orquídea:** Sim, tive que parar o tempo era pouco pra muita coisa pra fazer.

**Girassol:** Sim, porque eu tenho que cuidar da casa trabalhar porque eu precisava sustentar eles, eu nunca tive benefício do governo não, sempre tive que trabalhar pra ter o que comer.

**Margarida:** Sim, porque o meu ex não deixava estudar, mas tinha as aulas on-line do CEJA e o meu filho é autista é difícil para as pessoas ficarem com ele porque ele dá muito trabalho.

**Jasmim:** Sim, muitas dificuldades, a principal foi ter que trazer ela pra escola e me concentrar nos estudos. Não deixo ela o tempo todo com minha mãe, até porque ela é minha.

**Hortênsia:** Sim, a maior dificuldade foi ter aonde e com quem deixar meu filho, por isso trago ele pra aula.

**Azaleia:** Sim, cuidar do bebê e estudar, não dava pra conciliar.

**Magnolia:** sim, porque não tinha com quem deixar aí não tem como, também não tinha dinheiro pra pagar alguém pra cuidar.

**Dália:** Sim, pouco tempo pra estudar.

As dificuldades em retornar à escola após o nascimento do filho(a) estão diretamente relacionadas ao equilíbrio entre as responsabilidades maternas e as exigências do ambiente escolar. A maioria das estudantes relatou desafios significativos, principalmente relacionados ao cuidado com o bebê, à falta de apoio para deixar os filhos com outras pessoas e à conciliação entre os estudos e as tarefas domésticas.

Tulipa, Lírio e Rosa destacam as dificuldades em deixar o filho com outras pessoas, mencionando que, mesmo com a ajuda da família, o apego ao filho e as exigências de cuidado diário tornavam o retorno à escola um desafio. Segundo Figueiredo e Silva (2022), a falta de uma rede de apoio ou a resistência em deixar o filho com outros cuidadores pode dificultar a continuidade dos estudos.

Orquídea e Margarida mencionam a falta de tempo para estudar devido às múltiplas responsabilidades, o que reflete a sobrecarga que muitas mães adolescentes enfrentam. Costa e Pereira (2020) destacam que as responsabilidades familiares, o trabalho e a falta de estrutura para cuidar dos filhos são barreiras constantes para as jovens mães. A dificuldade de conciliar a maternidade com os estudos é amplificada pela falta de apoio, como indicado nas falas de Girassol e Magnolia, que relatam a necessidade de trabalhar para sustentar os filhos e a falta de recursos financeiros para pagar cuidados para os filhos.

Hortênsia e Azaleia mencionam o impacto das dificuldades de conciliação na própria participação nas aulas, como a necessidade de trazer o filho para a escola, uma solução frequentemente encontrada pelas mães adolescentes para tentar garantir que o cuidado com a

criança e o retorno aos estudos sejam compatíveis. Silva (2019) enfatiza que essa prática reflete a ausência de políticas públicas que atendam às necessidades específicas desse grupo, como a oferta de creches ou espaços de acolhimento nas instituições de ensino. A falta de suporte adequado pode levar à evasão escolar, agravando os desafios enfrentados por essas jovens.

Identificou-se também que algumas estudantes depois que o filho nasceu não tiveram dificuldades em retornar aos estudos para concluir o ensino fundamental e médio, sendo elas:

**Bromélia:** Não, eu não estou tendo dificuldade porque os meus filhos já são grandes, eu tenho até uma casada, e o mais novo já tem 12 anos e aí eles já ficam sozinhos em casa e agora eu estou me dedicando aos estudos.

**Violeta:** Sim, tinha que cuidar do bebê.

**Camélia:** Não, porque sempre tive ajuda.

**Cravo:** Não, minha família sempre me ajudou e cuidou da minha filha comigo.

As falas das estudantes Bromélia, Violeta, Camélia e Cravo mostram que, para algumas, as dificuldades em retornar aos estudos após o nascimento do filho não foram tão intensas, devido a uma combinação de fatores como o crescimento dos filhos, a ajuda contínua da família e a possibilidade de se dedicar mais aos estudos à medida que os filhos foram ficando mais velhos.

Bromélia destaca que, com o tempo, seus filhos se tornaram mais independentes, permitindo-lhe dedicar-se aos estudos. A fala reflete uma situação comum entre mães que conseguem retomar a escolaridade quando os filhos atingem uma certa idade. Silva e Almeida (2021) corroboram ao afirmarem que a adaptação da família e a autonomia crescente dos filhos são fatores facilitadores para o retorno escolar de mães adolescentes.

Camélia e Cravo mencionam que sempre tiveram ajuda familiar, sendo fundamental para que pudessem conciliar os estudos com a maternidade. A ajuda familiar contínua tem sido identificada por Pereira e Souza (2020) como um fator crucial para a continuidade da educação das mães, especialmente quando essas mães não possuem redes de apoio fora da família. Violeta, por outro lado, embora tenha mencionado a necessidade de cuidar do bebê, não relata grandes dificuldades, o que pode indicar uma rede de apoio informal ou adaptações que facilitaram sua permanência na escola.

### 5..2.2 CATEGORIA II: Rede de apoio no processo de escolarização

Nesta categoria as estudantes verbalizaram sobre quem as ajudam e os tipos de apoio que tiveram ou ainda tem para retornar à escola e concluir o ensino fundamental e/ou médio.

**Tulipa:** Sim, quem me apoia é minha mãe e os meus irmãos cuidando dele, que eu tenho com quem deixar agora eu venho aqui de noite... tenho como assistir as aulas estudar fazer as provas e dar certo.

**Lírio:** Sim, agora que ela está maiorzinha ela fica com o pai ou então a minha mãe.

**Rosa:** Sim, minha família cuida dela, quando volta da escola meu marido vai buscar deixar ela na casa da minha mãe.

**Girassol:** Sim, minha família e meus amigos. As vezes tem alguma prova importante... eu tenho que deixá-los na casa de alguém, aí eles ficam com os meninos.

**Cravo:** Sim, meu marido e minha mãe cuidam da minha filha quando venho pra aula e fazer as provas.

**Jasmim:** Sim, tenho apoio do meu companheiro, de certa forma da família e principalmente dos meus colegas que me ajudam aqui.

**Camélia:** Sim, da família.

**Hortênsia:** Sim, da minha mãe e da própria escola.

**Dália:** Sim, meu apoio era a ajuda da minha mãe e da minha avó.

As falas das estudantes revelam como o suporte familiar e social se torna essencial para que possam equilibrar a maternidade com a educação. Tulipa relata que, com o auxílio de sua mãe e irmãos, pode frequentar as aulas e realizar as atividades escolares, evidenciando a importância do apoio familiar para a continuidade dos estudos. Segundo Silva *et al.* (2019), o apoio familiar, é um fator chave na permanência dessas mães na escola, permitindo que consigam conciliar as responsabilidades domésticas e educacionais.

Lírio menciona que, com a filha já mais velha, pode contar com o apoio do pai ou da mãe para cuidar da criança, o que facilita seu retorno ao ambiente escolar. Essa dinâmica de apoio é corroborada por Pereira e Costa (2020), que destacam que a rede de apoio familiar é fundamental para superar as barreiras enfrentadas pelas mães adolescentes no processo educacional.

Rosa e Girassol enfatizam o suporte da família e de amigos próximos, especialmente em momentos críticos, como a necessidade de provas importantes, onde a logística de deixar os filhos com outras pessoas é necessária. Esse apoio emocional e prático da rede de apoio informal é essencial. A fala de Jasmim, que destaca a ajuda de seu companheiro, familiares e colegas, reflete o papel do apoio social além da família imediata. As demais falas, como as de

Cravo, Camélia, Hortênsia e Dália, que relatam o apoio contínuo de suas famílias, evidenciam que, em muitas situações, a rede de apoio familiar é imprescindível para garantir que as mães consigam seguir com seus estudos.

Verificou-se também que algumas estudantes não necessitaram de ajuda para retornar a escola e concluir os estudos, conforme falas abaixo:

**Bromélia:** No momento, eu não estou precisando porque os meus filhos já se viram sozinhos, aí ele já é meu próprio apoio, agora se fosse antes eu ia precisar de alguém pra cuidar deles.

**Margarida:** Não, eu não tenho apoio de ninguém porque a minha sorte foi a aula on-line e o meu ex não deixava, não tinha ninguém pra ficar com meu filho, agora ele está matriculado numa creche por isso que eu estou conseguindo vir fazer as provas.

**Orquídea:** Não, eu não tinha apoio, não. porque era coisa de mais, como eu disse, eu não podia jogar tudo nas costas da minha família se os filhos eram meus, né? aí eu parei só voltei quando eles cresceram.

**Azaleia:** Não, porque ninguém queria ficar com o bebê, agora que ele tá grandinho, tá dando certo.

**Magnolia:** Não.

**Violeta:** Não.

Algumas estudantes relataram que não precisaram de apoio para retornar à escola e concluir seus estudos, destacando diferentes situações e formas de adaptação à maternidade enquanto se mantinham no processo escolar.

Bromélia, explicou que, no momento atual, não necessita de apoio porque seus filhos já são mais velhos e se viram sozinhos. Evidenciando uma mudança na dinâmica de cuidado à medida que as crianças crescem e se tornam mais independentes, permitindo que as mães possam retomar seus estudos. Pereira *et al.* (2021) abordam a importância da autonomia dos filhos e como a fase de maior independência pode facilitar o retorno das mães aos estudos, destacando que o apoio não é sempre necessário à medida que as crianças crescem.

Margarida afirmou que não teve apoio de ninguém, mas que a possibilidade de aulas *online* foi essencial para ela continuar os estudos, já que não havia quem cuidasse de seu filho. Isso reflete como a adaptação das modalidades de ensino, como as aulas remotas, pode ser uma estratégia crucial para mães estudantes que não têm apoio imediato.

Orquídea revelou que não teve apoio externo, mas optou por pausar os estudos até que seus filhos estivessem mais crescidos, indicando que, em algumas situações, a falta de apoio direto faz com que as mães tomem decisões sobre interromper temporariamente seus estudos para priorizar a maternidade. Azaleia, Magnolia e Violeta mencionaram que não contaram com

apoio, mas, à medida que seus filhos cresceram, conseguiram conciliar melhor a maternidade e a escolarização, o que reforça a ideia de que, com o tempo, as mães podem encontrar soluções por conta própria para se manter na escola.

A maternidade precoce frequentemente interrompe a trajetória educacional de jovens, que, devido às responsabilidades parentais, abandonam os estudos e só conseguem retomá-los após os filhos atingirem maior independência. A ausência de políticas públicas eficazes, como a oferta de creches e programas de apoio educacional, agrava essa situação, dificultando a conciliação entre maternidade e continuidade dos estudos. A retomada tardia da educação, embora represente uma oportunidade de melhoria, enfrenta obstáculos adicionais, como a defasagem educacional e a necessidade de equilibrar novas responsabilidades familiares e profissionais. Portanto, é crucial o desenvolvimento de políticas públicas que ofereçam suporte adequado a essas mulheres, promovendo a reintegração educacional e a inclusão social.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas realizadas, ficou evidente que essas estudantes que engravidaram na adolescência lidam com uma série de barreiras que dificultam a continuidade de seus estudos, como problemas de saúde, falta de apoio familiar e a sobrecarga de responsabilidades domésticas. Esses fatores impactam a vida escolar e têm profundas implicações na saúde mental e no desenvolvimento pessoal dessas jovens.

A pesquisa destacou a diversidade das experiências vividas por essas estudantes mães, indicando que a realidade de cada uma é moldada por fatores sociais, culturais e econômicos. Enquanto algumas das participantes relataram ter acesso a uma rede de apoio robusta, outras enfrentaram a solidão e a pressão de lidar com a maternidade de forma isolada. Essa diferença nas experiências ressalta a importância de abordagens personalizadas nos programas de apoio a mães adolescentes, que levem em conta as particularidades de cada situação e as necessidades específicas de cada jovem.

Os resultados sugerem que a colaboração entre diferentes instituições, como escolas, serviços de saúde e assistência social, pode ser crucial para oferecer um suporte multidimensional. A criação de espaços de diálogo e de troca de experiências entre mães estudantes pode fortalecer a rede de apoio e ajudar a reduzir o estigma associado à maternidade precoce. Tais iniciativas favorecem a continuidade da educação e promovem o empoderamento dessas jovens, ajudando-as a vislumbrar um futuro mais promissor.

No que diz respeito aos pontos fortes da análise, a pesquisa conseguiu captar uma variedade de perspectivas, permitindo uma compreensão mais abrangente das dificuldades e das estratégias de enfrentamento das estudantes que engravidaram na adolescência. A utilização de relatos pessoais enriqueceu a discussão e forneceu dados qualitativos valiosos que podem informar políticas públicas e práticas de apoio. No entanto, um dos pontos negativos da pesquisa foi a limitação do número de participantes, que pode ter restringido a diversidade de experiências e opiniões. Futuros estudos poderiam ampliar a amostra, incluindo estudantes mães de diferentes regiões e contextos socioeconômicos, a fim de obter uma visão mais completa sobre a questão.

Neste sentido, sugere-se que futuras pesquisas investiguem as experiências, de estudantes que engravidaram na adolescência e por isso interromperam seus estudos, em diferentes contextos escolares e culturais, bem como o papel de programas de assistência social e saúde na promoção da educação e do bem-estar dessas jovens. Explorando a perspectiva dos

parceiros e dos membros da família, para entender como suas atitudes e comportamentos influenciam o suporte à educação das mães adolescentes.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. R.; SOUZA, M. F. Redes de apoio familiar e o retorno escolar de mães adolescentes: uma análise das configurações familiares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 215-230, 2021.
- ALMEIDA, R. S.; SILVA, T. A. Desafios da maternidade na adolescência: uma análise das barreiras educacionais. **Revista de Educação e Pesquisa**, v. 1, pág. 85-95, 2019.
- ALVES, R. D *et al.* Dificuldades enfrentadas por adolescentes no período gestacional. **Temas Saúde [Internet]**, v. 16, n. 2, p. 585-66, 2016.
- ARAÚJO, N. M. F. **Os significados da gravidez para as adolescentes atendidas no centro de referência do adolescente em Macaé**. Trabalho de Conclusão de Curso - UFF – Universidade Federal Fluminense - PURO – Pólo Universitário de Rio das Ostras, 2017.
- AVELINO, C. da S.; ARAÚJO, E. C. A.; ALVES, L. Luz. Fatores de risco da gravidez na adolescência no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 1426-1447, 2021.
- BOCK, J. S. A proteção penal do direito da criança e do adolescente: um olhar sobre o ECA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 12, p. 1138-1155, 2023.
- BRASIL. **Lei nº 13.798**, de 3 de janeiro de 2019. Institui a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/113798.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113798.htm). Acesso em: 9 dez. 2024.
- CARMONA, A. P. R. Gravidez na adolescência na região de Lisboa: cultura ou literacia em saúde? **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 2, pág. 164-170, 2019.
- CARVALHO, C. A.; CARVALHO, T. A. Repercussões na saúde mental da gravidez na adolescência. **Jornal Brasileiro de Educação Médica**, v. 1, pág. 24-30, 2021.
- CASTRO, L. S.; LIMA, T. P. Famílias monoparentais e vulnerabilidade social entre adolescentes. **Cadernos de Estudos Sociais**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 144-157, 2019.
- COSTA, A. C. B. T.; LEAL, Y. N.; RODRIGUES, M. D. Fatores de risco para a ocorrência de gestação na adolescência. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 20, p. e11620-e11620, 2022.
- COSTA, R. F.; OLIVEIRA, M. J.; NASCIMENTO, L. A. A evasão escolar e a monoparentalidade entre adolescentes. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 409-423, 2019.
- COSTA, T. L.; PEREIRA, J. A. A maternidade na adolescência e os desafios na continuidade dos estudos. **Educação e Desenvolvimento**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 185-198, 2020.
- CRUZ, E. M da. Educação sexual e gravidez na adolescência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 67, pág. 99-113, 2017.

DALIA, B. E *et al.* Análise da saúde mental de adolescentes gestantes em um hospital de Pernambuco. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 9, p. 57-69, 2022.

FIGUEIREDO, D. S.; SILVA, E. R. Desafios e estratégias de mães adolescentes para conciliar maternidade e escolaridade. **Revista Brasileira de Estudos Educacionais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, p. 123-134, 2022.

FREITAS, M. V. P de. Políticas públicas de saúde e educação para prevenção da gravidez na adolescência: uma análise do Brasil e México. **Revista de Saúde Pública** , v. 5, pág. 19-27, 2021.

GOMES, T. S.; SANTOS, A. F. Complicações obstétricas e a continuidade escolar em adolescentes grávidas. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 403-415, 2022.

GONÇALVES, L. S.; FERREIRA, C. R.; ALVES, M. J. A sobrecarga emocional em mães adolescentes: a importância das redes de apoio. **Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil**, Recife, v. 19, n. 4, p. 315-326, 2019.

GUIMARÃES, A. L. M *et al.* Vulnerabilidade na gravidez em adolescentes: divergências entre o estatuto da criança e do adolescente (ECA) e a práxis do cuidar. **Cadernos de Saúde Pública** , v. 3, pág. 202-216, 2017.

JOBIM, M. L. A *et al.* A importância da prevenção sexual para adolescentes em fase escolar no Brasil: uma percepção do enfermeiro. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 13, p. 808-819, 2023.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas Editora , 2019.

LEITÃO, A. L. M.; BENEVIDES, M. G. Gravidez na adolescência: será realmente um problema? **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 6, n. 16, p. 05-24, 2016.

LIMA, J. R.; FONSECA, R. T. Violência doméstica e o impacto na vida escolar de adolescentes grávidas. **Revista de Estudos Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 125-138, 2020.

LIMA, MA; SANTOS, RA; ALVES, TF O papel da família na educação de mães adolescentes. **Revista Brasileira de Educação** , v. 3, pág. 105-120, 2018.

LOPES, MA; SILVA, RS; ALMEIDA, TA A importância do suporte familiar na educação de mães adolescentes. **Revista Brasileira de Educação**. v. 1, pág. 43-59, 2021.

MARQUES, L. S *et al.* **Educação em Saúde**: a mudança de hábitos de alunos de uma escola do Ensino Fundamental através do Programa Saúde na Escola. 2022. Dissertação de Mestrado.

MARTINS, G. A.; PEREIRA, J. S. Apoio familiar e socialização de mães adolescentes: impacto na trajetória educacional. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 76-88, 2023.

MARTINS, R. J.; FERREIRA, L. S.; OLIVEIRA, G. F. Desafios enfrentados por adolescentes grávidas na continuidade dos estudos. **Psicologia e Saúde**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 182-198, 2020.

- MELO, A. S.; ANDRADE, T. C. Políticas públicas e o apoio a mães adolescentes na reintegração escolar. **Revista de Políticas Públicas e Educação**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 88-101, 2023.
- MELO, M. C. P de. Sexualidade na adolescência: entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família. **Tese de Mestrado**, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/168887>. Acesso em: 18 out. 2024.
- MINAYO, M. C DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Editora Hucitec, 2017.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de atenção integral à saúde do adolescente e jovem**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.
- MONTEIRO, B. F. R. P. Atitude do enfermeiro relativamente à sexualidade dos adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 6, pág. 835-842, 2016.
- MUNSLINGER, I. M *et al.* A maternidade na perspectiva de mães adolescentes. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 3, p. 357-363, 2016.
- NASCIMENTO, P. R.; ALVES, C. M. O impacto da gravidez na adolescência nas oportunidades educacionais e sociais. **Cadernos de Pesquisa em Educação e Sociedade**, Recife, v. 11, n. 1, p. 35-50, 2022.
- NOVAES, J. C.; JARDIM, S. R. M. Gravidez na adolescência e escola: tecendo considerações sobre vitória da Conquista - BA. **Colóquio do Museu Pedagógico-ISSN 2175-5493**, v. 12, n. 1, p. 1042-1047, 2017.
- OLIVEIRA, A. B.; RIBEIRO, C. M. Dinâmicas familiares e o apoio às mães adolescentes em famílias ampliadas. **Revista de Estudos da Família**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 98-110, 2022.
- PAIVA, L. R da S. Gestação juvenil, falando de um lugar: uma escola pública de Araçatuba/SP. **Revista Brasileira de Educação**, v. 77, pág. 75-92, 2020.
- PEREIRA, J. A.; LIMA, F. T. Barreiras ao retorno escolar para mães adolescentes: uma análise qualitativa. **Revista Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 560-574, 2021.
- PEREIRA, L. P.; SOUZA, T. S. A importância da rede de apoio familiar para a permanência de adolescentes na escola. **Revista Brasileira de Psicopedagogia**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, p. 321-334, 2020.
- PEREIRA, L. T.; COSTA, R. P. Redes de apoio e sua influência na educação de mães adolescentes. **Revista de Educação Inclusiva**, Fortaleza, v. 29, n. 2, p. 34-45, 2020.
- PEREIRA, M. S.; SANTOS, L. C.; COSTA, A. F. A autonomia das mães adolescentes e o retorno aos estudos: Perspectivas e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia da Educação**, Recife, v. 27, n. 3, p. 56-71, 2021.
- PEREIRA, S. M.; CARVALHO, T. N. Expectativas sociais e seu impacto sobre adolescentes mães: entre a casa e a escola. **Revista de Ciências Sociais**, Recife, v. 11, n. 3, p. 230-246, 2019.

PEREIRA, T. F.; SANTOS, V. R. Maternidade na adolescência: inseguranças e o papel das figuras maternas no apoio psicológico e emocional. **Revista de Psicologia Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 142-155, 2021.

PERES, G. A. **Gravidez na adolescência na atenção primária**. Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2022. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositorioctcc/article/view/3871/2910>. Acesso em: 18 out. 2024.

RAMOS, S *et al.* Diretrizes para o projeto do protocolo de atendimento de meninas e adolescentes com menos de 15 anos de idade com gravidez indesejada. **Jornal Brasileiro de Enfermagem** , v. 2, pág. 100-108, 2020.

RODRIGUES, L. S. ; SILVA, M. V. O.; GOMES, M. A. V. Gravidez na adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola. **Revista de Saúde Pública** , v. 53, p. 10-18, 2019.

RODRIGUES, M. C.; COSTA, L. S. Gravidez não planejada na adolescência: desafios e políticas de prevenção. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 310-322, 2023.

RODRIGUEZ, A. I. S. Intervenção educativa para prevenção da gravidez na adolescência no PSF Divinolândia centro do município Divinolândia de Minas. **Dissertação de Mestrado** , 2017. Disponível em: [https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/Intervencao\\_educativa\\_para\\_a\\_prevencao\\_da\\_gravidez\\_na\\_adolescencia\\_no\\_psf\\_Divinolandia\\_centro\\_do\\_municipio\\_Divinolandia\\_de\\_Minas\\_1/441](https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/registro/Intervencao_educativa_para_a_prevencao_da_gravidez_na_adolescencia_no_psf_Divinolandia_centro_do_municipio_Divinolandia_de_Minas_1/441) . Acesso em: 18 out. 2024.

RODRIGUEZ, E. N. M *et al.* Percepção da atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde em duas Unidades Básicas de Saúde nas cidades de Macapá (Brasil) e Bogotá (Colômbia). **Revista de Enfermagem** , v. 4, pág. 187-198, 2018.

SANTANA, A. D. P *et al.* Mulheres que foram mães quando adolescentes: trajetórias de desenvolvimento em diferentes contextos familiares um estudo de casos em um bairro popular de Salvador - BA. **Cadernos de Saúde Pública** , v. 12, pág. e00012316, 2016.

SANTOS, A. C de M. *et al.* Atuação da enfermagem no uso de métodos não farmacológicos para o alívio da dor durante o trabalho de parto/ Ursing performance in the use of non-pharmacological methods for pain relief during child labor. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 9505–9115, 25 jan. 2021.

SANTOS, G. R.; SILVA, M. R. Maternidade solo e vulnerabilidade social em adolescentes: desafios educacionais. **Revista de Ciências Sociais e Humanas**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 123-137, 2020.

SANTOS, J. R dos. Os desafios da conformação das redes de atenção à saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Pública** , v. 4, pág. 498-507, 2013.

SANTOS, JR; PEREIRA, LM; OLIVEIRA, FA O impacto do suporte familiar no bem-estar de mães adolescentes. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. v. 3, pág. 207-215, 2020.

SEMEDO, L. J. C. **Gravidez precoce em adolescentes cabo-verdianas: histórias na primeira pessoa.** Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, 2022.

SILVA, A. L. *et al.* Efeitos da pré-eclâmpsia na saúde e no desempenho acadêmico de mães adolescentes. **Cadernos de Saúde Adolescente**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 120-135, 2021.

SILVA, A. P.; SANTOS, R. E. Gravidez na adolescência e redes de apoio: fatores que dificultam a continuidade escolar. **Cadernos de Psicologia Escolar**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 155-169, 2019.

SILVA, B. M *et al.* Fatores de risco associados à gravidez na adolescência: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e39691110109-e39691110109, 2020.

SILVA, C. C. O *et al.* Gravidez na adolescência: riscos e repercussões na saúde e na vida familiar e social. **Revista Brasileira de Educação Médica** , v. 3, pág. 20-11, 2021.

SILVA, JL; ALMEIDA, PF Impactos da saúde na educação de mães adolescentes: um estudo de caso. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 1, pág. 99-111, 2022.

SILVA, JR; OLIVEIRA, LP Desafios educacionais enfrentados por mães adolescentes: uma análise das redes de apoio. **Educação e Sociedade** , v. 1, pág. 50-70, 2021.

SILVA, M. Desafios da maternidade na adolescência: um olhar sobre a conciliação entre estudo e cuidado infantil. **Revista Monumenta**, v. 5, n. 2, p. 76-85, 2019.

SILVA, M. J. F *et al.* Gravidez na adolescência e evasão escolar. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia** , v. 1, pág. 29-36, 2016.

SILVA, M. P. *et al.* O apoio social à mulher mãe adolescente e sua relação com a permanência escolar. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 112-126, 2019.

SILVA, M. P.; ALMEIDA, C. R. A contribuição da família no retorno à escola de mães adolescentes. **Revista de Educação e Inclusão**, Recife, v. 20, n. 3, p. 45-58, 2021.

SILVA, R. F.; FERREIRA, L. C. A complexidade dos lares reconstituídos e os desafios para mães adolescentes. **Revista Brasileira de Sociologia**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 331-345, 2020.

SILVA, R. M.; ALMEIDA, P. F. Jovens mães e os desafios iniciais da maternidade: o papel do apoio familiar. **Psicologia em Estudo**, Curitiba, v. 26, n. 3, p. 219-230, 2020.

SILVA, TS; COSTA, MA A importância do apoio paterno na maternidade adolescente. **Cadernos de Psicologia** , v. 2, pág. 153-162, 2021.

SILVEIRA, M. A *et al.* A evasão escolar: uma perspectiva dos atendimentos do conselho tutelar regional leste de Cascavel/Pr. **Caderno de Políticas Públicas** , v. 2, pág. 87-95, 2016.

SIQUEIRA, L. F.; SOUZA, M. A. A influência da maternidade precoce na trajetória educacional: expectativas sociais e abandono escolar. **Revista Brasileira de Educação**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 103-116, 2021.

SOUSA, MP; MOURA, AC; SILVA, JF Redes de apoio e maternidade adolescente: o papel da família e da sociedade. **Cadernos de Saúde Pública** , v. 2, pág. 140-150, 2020.

SOUZA, R.; FERNANDES, J. **Assistência de enfermagem na prevenção da gravidez na adolescência (enfermagem)**. Repositório Institucional, v. 1, n. 1, 2023.

TEIXEIRA, S. da C. R.; SILVA, L. W. S.; TEIXEIRA, M. A. Políticas públicas de atenção às adolescentes grávidas-uma revisão bibliográfica. **Adolescência e Saúde**, v. 10, n. 1, p. 37-44, 2013.

TOMAZINI, A. S. Análise das Políticas Públicas de Assistência Educacional e Psicossocial a Alunas Grávidas em Escolas Estaduais Localizadas em Guarulhos-SP. **Dissertação de Mestrado**. São Paulo, Brasil: FLACSO Sede Brasil. 2023.

VIEGAS, T do C.; CURTIS, M do C. G. Brio: um canal de informações sobre saúde e sexualidade para meninas adolescentes. **Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design** , São Paulo, v. 5, pág. 3117-3137, 2022.

**APÊNDICE A - OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA  
REALIZAÇÃO DE PESQUISA**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO  
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM**

A Direção do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Professora Maria Angelina Leite Teixeira.

Eu, Ivyne Crystina Matos, aluna regularmente matriculada no 9º semestre do curso de graduação em Enfermagem do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, venho por meio deste, solicitar a V. S<sup>a</sup>, autorização para realizar em sua Instituição a coleta de dados para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada: **GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização**, orientado pela Profa. Erine Dantas Bezerra, com o objetivo de analisar as principais dificuldades enfrentadas por mães adolescentes durante a maternidade e processo de escolarização. Asseguro que a pesquisa obedece a todas as recomendações formais advindas da Resolução Nº 466, do Conselho Nacional de Saúde que trata dos estudos envolvendo seres humanos.

Cientes da vossa colaboração, entendimento e apoio, agradecemos antecipadamente.

Juazeiro do Norte – CE, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2024.

---

Ivyne Crystina Matos  
Acadêmica de Enfermagem/Pesquisadora

---

Profa. Erine Dantas Bezerra  
Orientadora

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

---

Prezado Sr.(a).

Eu, Erine Dantas Bezerra, CPF, centro Universitário Dr. Leão Sampaio está realizando a pesquisa intitulada “GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização”, que tem como objetivo: analisar as principais dificuldades no processo de escolarização e maternidade de estudantes que engravidaram na adolescência. Para isso, está desenvolvendo um estudo que consta das seguintes etapas: elaboração do projeto, elaboração do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) aos participantes do estudo, aplicação do instrumento de coleta de dados, aqueles participantes que aceitarem participar da pesquisa e que atendam aos critérios de inclusão, organização e análise dos dados.

Por essa razão, o (a) convidamos a participar da pesquisa. Sua participação consistirá em ser submetido (a) a uma entrevista semiestruturada, que será gravada e guiada por perguntas pertinentes a temática da pesquisa, que conduzirão a um diálogo livre. Os procedimentos utilizados, serão um diálogo interrogatório que poderão trazer algum desconforto, como por exemplo constrangimento, desconforto, timidez devido as perguntas serem relacionadas sobre as dificuldades enfrentadas por mães adolescentes no processo de retorno escolar. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será minimizado mediante a explicação prévia por parte da pesquisadora do conteúdo da entrevista, e garantindo a confidencialidade e sigilo das identidades dos participantes. Nos casos em que os procedimentos utilizados no estudo tragam algum desconforto, ou seja, detectadas alterações que necessitem de assistência imediata ou tardia, eu, Ivyne Crystina Matos ou Erine Dantas Bezerra seremos as responsáveis pelo encaminhamento para Clínica escola, setor de psicologia para assistência necessária. Os benefícios esperados com este estudo são no sentido de geração de conhecimento sobre as dificuldades da maternidade e escolarização, podendo contribuir com soluções para o retorno escolar de mães adolescentes, visto que compreender as dificuldades enfrentadas poderá contribuir para a formulação de políticas públicas e programas de apoio eficazes ao retorno escolar. Salienta-se que toda informação que o(a) Sr.(a) nos fornece será utilizada somente para esta pesquisa. As respostas obtidas, serão confidenciais e seu nome não aparecerá: no roteiro de entrevista, na fita gravada e nos resultados quando forem apresentados. A sua participação na pesquisa é voluntária. Caso aceite participar, não receberá nenhuma compensação financeira. Também não sofrerá qualquer prejuízo se não aceitar ou se desistir em qualquer fase da pesquisa. Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos do estudo e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar Ivyne Crystina Matos ou Erine Dantas Bezerra, no endereço Av. Leão Sampaio,400- lagoa seca, Juazeiro do Norte –Ce. Telefone para contato (88)2101-1056, nas segundas-feiras das 18h as 21h e quintas-feiras das 8h30min às 11h. Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da 63040-005, localizado a avenida leão Sampaio, lagoa seca, Juazeiro do Norte- CE, telefone (88) 9400-5456. Caso esteja de acordo em participar da pesquisa, deve preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-Esclarecido que se segue, recebendo uma cópia deste documento.

---

Local e data

---

Assinatura do Pesquisador

**TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

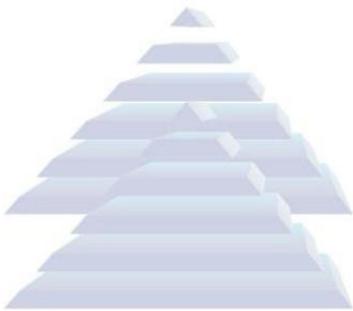
---

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu

\_\_\_\_\_, portador (a) do  
Cadastro de Pessoa Física (CPF) número \_\_\_\_\_, declaro que, após  
leitura minuciosa do TCLE, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que  
foram devidamente explicadas pelos pesquisadores.

Ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido e não restando quaisquer  
dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO em participar voluntariamente da pesquisa GRAVIDEZ NA  
ADOLESCÊNCIA: Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e  
escolarização”, assinando o presente documento em duas vias de igual teor e valor.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante ou Representante legal  
UNILEÃO  
Centro Universitário



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

### APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO

---

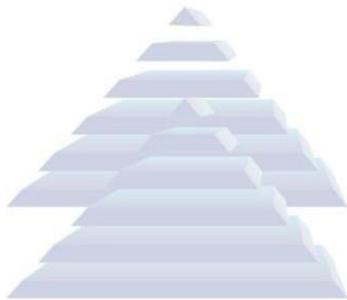
*O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o termo de consentimento livre e esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor idade ou incapaz legalmente.*

Você está sendo convidado para participar da pesquisa GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização. Seus pais/responsáveis permitiram que você participasse. Queremos analisar as principais dificuldades no processo de escolarização e maternidade de estudantes que engravidaram na adolescência. E os objetivos específicos se voltam para relatar o perfil sociodemográfico das mães adolescentes; descrever as principais dificuldades durante a maternidade e o processo de escolarização das mães adolescentes; verificar se há relação entre o retorno a escolarização com a existência de uma rede de apoio à mãe adolescente. As crianças/pessoas que irão participar dessa pesquisa têm de 15 a 17 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita no/a CEJA - Professora Maria Angelina Leite Teixeira, onde as mães adolescentes irão responder uma entrevista semiestruturada. Para isso, será usado/a um roteiro de entrevista. O uso do (a) desse roteiro é considerado(a) seguro (a), quanto a pesquisa apresenta coisas ruins como constrangimento ou timidez devido as perguntas serem relacionadas as dificuldades durante a maternidade e processo de escolarização, contudo serão minimizados mediante a explicação prévia por parte da pesquisadora do conteúdo da entrevista. Sobre as coisas boas da pesquisa, tem-se a geração de conhecimento sobre as dificuldades da maternidade e do retorno a escolarização por mães adolescentes para que possíveis soluções possam ser realizadas. Toda informação que o você nos fornece, na entrevista, será utilizada para escrita de uma monografia e divulgação no âmbito acadêmico. As respostas obtidas serão confidenciais e seu nome não aparecerá. Caso tenha dúvidas sobre a pesquisa, você poderá nos procurar (orientanda: Ivyne Crystina Matos e orientadora: Erine Dantas Bezerra) pelos telefones (88)2101-1056 nas segundas-feiras das 18h às 21h e quintas-feiras das 8h30min às 11h.



Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização, que tem o/s objetivo(s) de analisar as principais dificuldades enfrentadas por mães adolescentes durante a maternidade e processo de escolarização. E os objetivos específicos se voltam para relatar o perfil sociodemográfico das mães adolescentes; descrever as principais dificuldades durante a maternidade e o processo de escolarização das mães adolescentes; verificar se há relação entre o retorno a escolarização com a existência de uma rede de apoio à mãe adolescente. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



Assinatura do participante

UNILEÃO  
Centro Universitário

Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

**APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ**

Eu \_\_\_\_\_, portador(a) da Carteira de Identidade n° \_\_\_\_\_ e do CPF n° \_\_\_\_\_, residente à Rua \_\_\_\_\_, bairro \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, autorizo o uso de minha imagem e voz, no trabalho sobre título, “GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: Dificuldades enfrentadas por estudantes no processo de maternidade e escolarização” produzido por Ivyne Crystina Matos do curso de Enfermagem semestre 9°. Turma ENF 121.9, sob orientação do(a) Professor(a) Erine Dantas Bezerra. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Juazeiro do Norte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Cedente

## APÊNDICE E - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

### PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

#### 1) Idade:

- 15 a 17 anos     
  18 – 20 anos     
  21 – 25 anos     
  26 anos ou mais

#### 2) Nível de escolaridade

- Fundamental I incompleto                     
  Fundamental II completo  
 Fundamental II incompleto                     
  Fundamental II completo  
 Ensino médio incompleto                     
  Ensino médio completo

#### 3) Estado civil:

- Solteira                     
  casada                     
  União estável  
 Outro, \_\_\_\_\_

#### 4) Quantos filhos você tem? \_\_\_\_\_

#### 5) Com que você mora? \_\_\_\_\_

---

### MATERNIDADE E ESCOLARIZAÇÃO

- 6) Você teve alguma dificuldade durante a gravidez? Se sim, quais?
- 7) Você teve alguma dificuldade no processo de maternidade (cuidados com o bebê)? Se sim, quais? E quem te ajudou?
- 8) Você teve alguma dificuldade para estudar quando ficou grávida? Se sim, quais?
- 9) Você teve dificuldades para retornar à escola após o nascimento do seu filho(a)? Se sim, quais foram essas dificuldades?
- 10) Você recebeu algum tipo de apoio para voltar a estudar? Se sim, que tipo de apoio?
- 11) Se respondeu sim à questão anterior, quem te apoiou para voltar a estudar?